REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

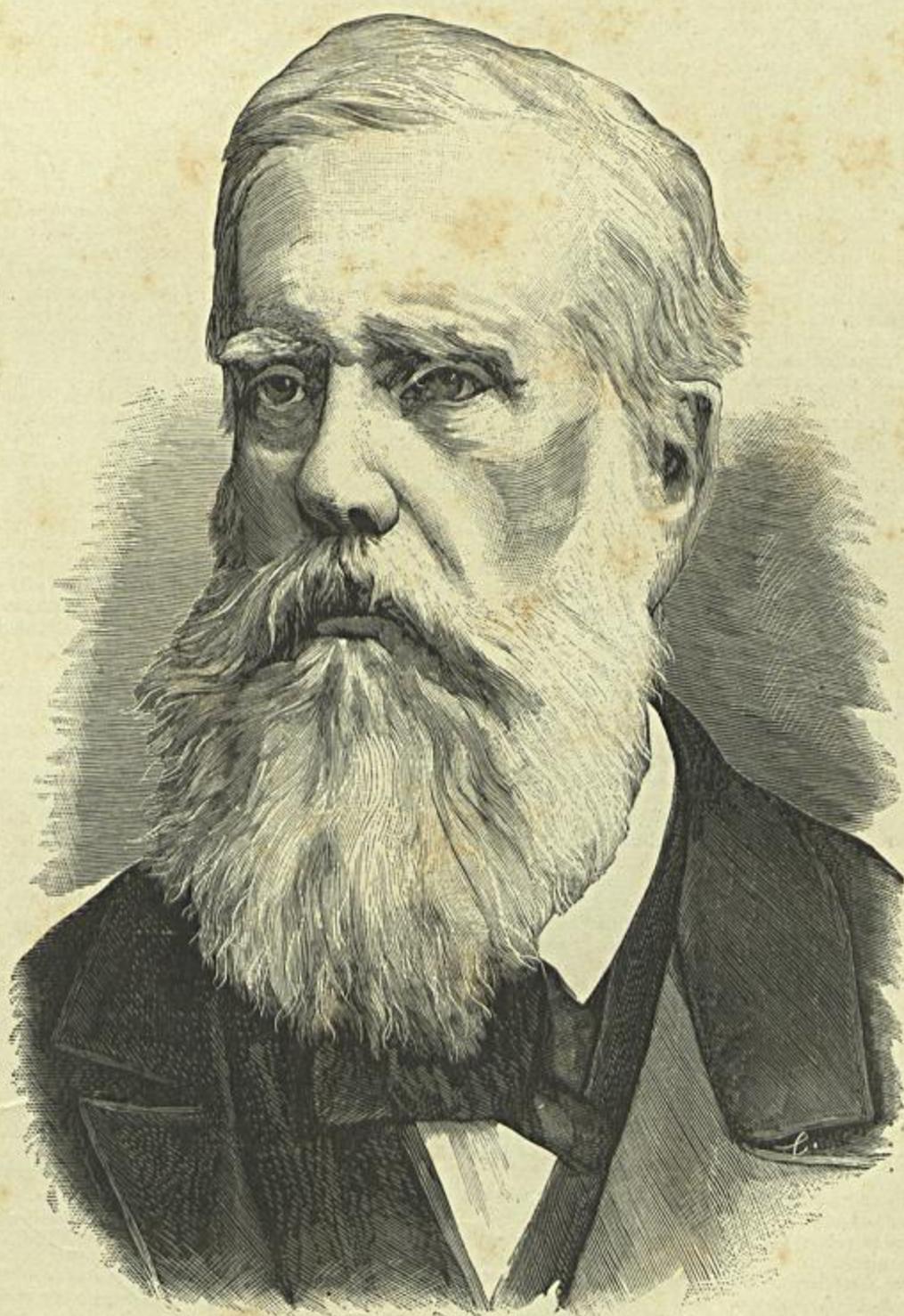
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 382

1 DE AGOSTO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA MAGESTADE O IMPERADOR DO BRAZIL D. PEDRO II

(Segundo uma photographia de Nadar)

CHRONICA OCCIDENTAL

Fechámos a nossa ultima chronica com uma noticia triste, a da doença perigosa de Antonio Pedro: temos que abrir a nossa chronica de hoje com uma noticia tristissima, a da morte d'esse grande e querido actor.

Infelizmente os agourentos boatos tinham razão e todos os maus presagios que se faziam d'essa doença se realisaram lugubremente.

Antonio Pedro depois d'um padecimento brutal, depois d'uma lucta terrivel com a morte, lucta que durou largos annos, quasi sem treguas, caíu finalmente prostrado e vencido na terça feira 23 de julho, ás 9 horas da manhã!

D'esta vez não se fez o milagre que tantas vezes se repetira! Antonio Pedro que tantas vezes, ás portas da morte, desenganado pela medicina, como que resurgira, desnorteando completamente os seus medicos e zombando de todos os prognosticos da sciencia, caiu d'esta vez, e hoje d'esse extraordinario actor só resta um nome glorioso, que viverá eternamente na historia do nosso theatro, ao lado dos mais illustres e celebrados da arte portugueza.

Não vamos aqui fazer a biographia do grande artista, nem sequer tentar esboçar a sua physionomia tão sympathica, tão grande, tão brilhante e ao mesmo tempo tão extranha e excepcional; guardâmos esse trabalho para outro dia, para quando o OCCIDENTE publicar o retrato de Antonio Pedro, os *croquis* das suas principaes creações dramaticas, essa pagina de homenagem ao famoso actor, grande entre os grandes que tem havido no nosso theatro, pagina que está em elaboração e que sairá no nosso proximo numero; hoje, aqui, apenas registaremos a sua morte, o epilogo tormentoso da sua vida tão atribulada pela collaboração perversa d'um sem numero de enfermidades terriveis, e a manifestação imponentissima de sympathia e de sentimento popular de que foi alvo o seu enterro.

Como dissemos na nossa ultima chronica a noticia da gravidade da doença de Antonio Pedro chegou-nos á ultima hora, exactamente quando viamos as provas d'essa chronica.

Accrescentámos-lhes apenas aquellas rapidas linhas e partimos logo para casa de Antonio Pedro, não como jornalista á procura d'informações para offerecer ao publico uma noticia de sensação, mas simplesmente como um amigo que procura noticias d'um amigo querido, como um collega procura noticias d'um collega estimado e illustre porque, no fim de contas n'esta vida de theatro actores e auctores, são collegas, são confrades, são collaboradores indispensaveis que não podem prescindir uns dos outros que trabalham para o mesmo fim.

Antonio Pedro morava n'um sitio muito afastado, no fundo d'uma travessa ingreme e feia — a travessa das Salgadeiras — escondida lá n'um recanto do bairro da Bemposta, ao pé do Largo do Mastro.

A rua é feia, mas a casa de Antonio Pedro é uma casinha bonita, pequena, mas alegre, dominando das suas janellas e do seu grande quintal um vastissimo e pittoresco panorama.

Essa casa foi mandada construir por elle ha annos com muita alegria, com muito amor; mas agora odiava-a profundamente.

Como n'ella passava horas medonhas de afflicções e de agonias, attribuia-lhe a responsabilidade d'essas torturas que n'ella soffria, e ultimamente quando ás vezes regressava á noite do Colyseu, onde já quasi moribundo ia passar um pouco distrahido umas horas, apenas avistava a casa deitava a fugir d'ella, dizendo que era ella que o matava: e a pessoa que o acompanhava tinha então um trabalho enorme para o convencer a recolher-se.

Este terror e esta repugnancia eram filhos como se vê d'um estado de desiquilibro intellectual, que ultimamente havia nas faculdades mentaes do illustre artista, que já ha mezes tinha devez emquando momentos não de perfeita loucura, mas de grave perturbação cerebral.

Como dissemos, logo que soubemos do estado gravissimo de Antonio Pedro, corremos a casa d'elle.

Foi no sabbado 20. Era ja noite fechada quando lá chegamos, mas para visitar um doente em perigo, um agonisante quasi, não ha etiqueta de horas.

A primeira pessoa que encontrámos ao entrar a porta foi o filho de Antonio Pedro.

Tinha os olhos vermelhos de chorar.

— Como está seu pae? perguntámos.

— Muito mal, mesmo muito mal.

E corrobrando estas palavras, da casa contigua chegaram nos aos ouvidos uns gritos medonhos, indistinctos, estranhos que tinham ao mesmo tempo o seu quê de dolorido e de selvagens, de gemido e de urro.

— Elle padece muito?...

— Immenso. Não tem dores, mas tem umas suffocações horriveis e que não o deixam um momento. Não dorme um instante sequer ha uma immensidade de noites.

— E tem a consciencia do seu estado?

— Parece que não. A maior parte do tempo está delirado; falla a custo, e diz quasi sempre palavras sem nexo. Venha vel-o.

Entrámos na casa onde elle estava.

Era a sua sala: em dois grandes armarios envidraçados estavam todas as coroas que consquistára durante a sua longa e gloriosa carreira: no armario da direita as corôas ganhas no Brazil; no da esquerda as corôas ganhas em Portugal.

Era junto a este armario que Antonio Pedro estava sentado n'um sofá, entre montes de almofadas, com um lenço amarrado na cabeça, um cobertor sobre as pernas, aquellas pernas esguias, tão comicas, do professor do Bebé, agora enormissimas, transformadas em dois cepos pela inchação que de momento a momento subia e que já lhe passava da cintura, a morte que ia subindo!

Em frente de Antonio Pedro uma meza pequena com uma almofada sobre a qual estava deitado de bruços; ao seu lado sua esposa com os olhos marejados de lagrimas, que por um heroico esforço continha, uma physionomia dolorosa em que se desenhava o martyrio enorme que d'aquella alma dilacerada.

De vez em quando o doente erguia a cabeça como que para fugir á asphixia, procurava afflicto ar, soltava uns gemidos e sua mulher então limpava-lhe carinhosamente o suor que lhe escorria pelo rosto mumificado, a espuma que lhe saía dos labios arroxados, quasi negros.

Quando entrámos contorcia-se Antonio Pedro n'uma d'estas afflicções, e não deu por nós.

Seu filho disse-lhe o nosso nome.

Elle então ergueu a cabeça, fitou em nós os seus olhos muito abertos, espantados, uns olhos que faziam estremecer.

E repetiu o nosso nome estendendo-nos a mão ardente e humida.

— Como está? melhorsinho?

— Mal, muito mal!... disse elle a custo com a respiração offegante e ficou a olhar-nos muito fito como se quizesse conversar, dizer mais alguma cousa, mas não pudesse ou não soubesse.

D'ali a nada veio-lhe outra afflicção, e no fim d'ella ficou com a cabeça pendente, os olhos parados, immovel.

Assustámo-nos: pareceu-nos que essa afflicção tivesse sido a ultima.

Olhámos para as pessoas que o rodeiavam. Estavam já costumados áquella immobilidade passageira, aquelles parentheses no meio de uma enorme tortura.

N'esse momento pudémos contemplar bem o estado medonho em que a doença pusera o grande artista.

E lembrámo-nos de o ter visto já assim uma vez, com aquella expressão tragica de soffrimento, com aquelles olhos que pareciam saír das orbitas afugentadas pela dôr, com aquelles labios pendentes, descahidos, como que cançado de gemer tanto.

E casualmente olhámos para o armario que ficava mesmo atraz d'elle.

D'uma das corôas de louro com bagas d'ouro, uma das suas corôas triumphaes, pendiam umas fitas vermelhas que quasi lhe emolduravam a fronte.

N'uma d'essas fitas, por um singular capricho do acaso lia-se em letras douradas, o titulo d'uma peça que fôra uma das suas maiores glorias:

O PARALYTICO!

E esse nome fez-nos estremecer.

Foi exactamente na 1.ª noite d'essa peça que vimos Antonio Pedro desfigurado, turturado pela doença como o viamos ali, com a mesma expressão dramatica e tragica!

Parecia que o grande comediante se advinhára n'essa noite memoravel, e que antes de entrar na scena, tivera no espelho do seu camarim a visão de que havia de ser d'ali a annos, quando estivesse para entrar na cova.

Dizer-se-ía que o *Paralytico* fôra, para esse colossal artista, o ensaio geral da tragedia da sua morte!

Depois de estar segundos assim, Antonio Pedro continuou a respirar ruidosamente: e olhando outra vez para nós disse-nos muito distinctamente:

— Esteve cá hoje o filho do sr. Pinheiro Chagas — a mesma fórma delicada cortez que elle em saude tinha para todos, mesmo na ausencia — estou-lhe muito obrigado.

As afflicções recomeçaram: quando ellas lhe deram um novo momento de descanso, apertamos-lhe a mão e despedimo-nos d'elle.

Quando iamos a saír, Antonio Pedro chamou o Julio Cardoso um amigo d'elle e nosso que nos tinha acompanhado e disse-lhe com a sua voz entramelada, que nos pedisse desculpa de não se ter levantado para se despedir de nós e para nos acompanhar á porta!

Cá fóra na sala d'entrada acabava de entrar o Taborda, o velho e glorioso collega e amigo do grande actor.

Estava profundamente contristado: na vespera, de madrugada, Antonio Pedro chamára por elle no meio das suas afflicções.

— Porque não me foram chamar? disse o Taborda com muita pena.

E o filho de Antonio Pedro explicou-lhe que eram 3 horas da madrugada quando seu pae fallou n'elle e que não eram horas de o ir encommodar a sua casa.

Taborda ía ali despedir-se do seu querido amigo. Partia na manhã do dia seguinte para o Porto, e apesar de Antonio Pedro ter estado já muitas vezes á morte e ter melhorado, Taborda tinha bem o lugubre presentimento de que era a ultima vez que o via, que o abraçava, que era a sua ultima entrevista.

E foi bem commovente, bem dolorosa essa entrevista suprema, e quando se apartou de Antonio Pedro, Taborda chorava como uma creança!

Taborda contou-me n'essa noite que dias antes estivera conversando largamente com Antonio Pedro, que muito mal já, tinha ainda muitas esperanças de viver e lhe estivera fallando em representarem juntos, apenas melhorasse, o terceiro acto do *Dinheiro do Anão*, um acto que Antonio Pedro gostava muito de representar e em que, elle e o Taborda tiveram ha annos um successo colossal no theatro do Gymnasio.

O dia em que eu vi Antonio Pedro, já quasi moribundo, foi um sabbado, e tres dias antes, na quarta feira ainda elle saíra de carruagem e fôra ao consultorio do sr. Dr. Mello, na rua Nova do Carmo.

Apesar de muito incommodado, cheio de agonias, teimára em saír. O actor Gil que em toda a doença o acompanhou com a dedicação e carinho de irmão mais disvelado, recusou-se a acompanhal-o porque temia que lhe fizesse mal essa saída, Antonio Pedro porem insistiu e lá foi com um rapaz seu amigo que lhe servia de enfermeiro, porque mesmo por indicação do medico a familia não se atrevia a resistir aos caprichos do doente, receiando-se que a irritação causada por essa resistencia o matasse fulminantemente.

Quando n'essa noite saíamos de casa de Antonio Pedro encontrámos mesmo á porta, o Leopoldo de Carvalho, o distincto ensaiador do Gymnasio, que era um dos intimos do grande actor, um dos que elle consultava sempre na interpretação e no estudo dos seus papeis.

Leopoldo ía para lá, e tinha lá estado na noite anterior até muito tarde e contou-nos, que n'essa noite Antonio Pedro estivera muito agitado fallando muito, mas dizendo desparates, cousas sem nexo, ou que pelo menos eram incomprehensiveis para quem o ouvia.

«A situação! A realidade!» eram as palavras que a cada momento lhe acudiam aos labios.

No domingo Antonio Pedro melhorou um pouco, na segunda feira porém peiorou immenso; caiu n'uma prostração profunda.

Ahi pela volta da meia noite disse apontando para tres luzes que estavam accesas na sala:

— Tres luses, temos casamento!

Gil apagou logo uma, para elle não estar a impressionar-se com aquillo. A' uma hora appareceu o stertor: começava a agonia que durou até ás 9 horas da manhã, hora a que o infeliz e grande actor soltou o ultimo sopro de vida, sem um arranco, serenamente, docemente como uma luz que se apaga...

Deus amerciara-se finalmente d'elle e dera-lhe uma morte tranquilla em compensação da sua tormentosa e longa enfermidade.

Vae muito longa esta chronica e não podemos descrever minuciosamente o enterro do grande actor. Descrevel-o-hemos a epilogar a biographia de Antonio Pedro, e tem aí o seu lugar, porque muito mais que um acto funebre o enterro do famoso artista foi uma verdadeira apotheose.

A respeito da outra noticia que tambem á ultima hora accrescentámos á nossa chronica antece-

dente—o attentado contra o imperador do Brazil—depois d'um longo silencio vieram já algumas informações a respeito do auctor do crime.
É effectivamente um portuguez: chama-se Adriano Augusto do Valle, é de Caminha, tem 20 annos apenas e reside ha tempo no Rio de Janeiro, onde é caixeiro.
A respeito do motivo que o levou a tentar o monstruoso crime não ha ainda informações certas, e devem trazel-as os jornaes brazileiros esperados em Lisboa por estes dias.
No sabbado ao meio dia realisou-se na egreja da Encarnação d'esta cidade, uma missa mandada celebrar pela associação de beneficencia brazileira em Lisboa, em acção de graças por ter o Imperador escapado á criminosa tentativa.
A egreja estava completamente cheia e a essa ceremonia concorreram além de toda a colonia brazileira, legação e consulado, o ministro dos estrangeiros, e muitos jornalistas portuguezes e altos funccionarios etc.
Finda a ceremonia todos os assistentes foram cumprimentar o sr. ministro do Brazil e felicital-o pelo malogrado attentado.
Nós que por não estarmos em Lisboa não pudémos como desejávamos assistir a esse acto enviâmos d'aqui as nossas felicitações ao ministro do Brazil, e á colonia Brazileira, associando-nos jubilosos ás suas manifestações de alegria por ter o seu augusto soberano escapado ao perigo enorme que ameaçou a sua preciosa vida.

Gervasio Lobato.

O IMPERADOR DO BRAZIL

O acontecimento ha dias occorrido no Rio de Janeiro, e tão laconicamente transmittido pelo telegrapho, veio pôr mais em evidencia a popularidade do sr. D. Pedro II.
Chefes d'estado, associações, particulares, das capitaes da Europa e da America, todos se apressaram a manifestar ao imperador o jubilo de o verem salvo, de o verem livre de um perigo iminente.
Em Portugal, e nomeadamente em Lisboa, sabem que foi um acontecimento esse acontecimento do Brazil. Irrompeu de todos os corações um brado de protesto e de indignação, que se avolumou e cresceu ao saber-se que era um portuguez o auctor do attentado villissimo, que assim vinha pôr uma nodoa infamante e indelevel no nome de Portugal, na nossa tradição de lealdade, no nosso sentimento de gratidão.
Digâmos, porém, para sermos justos, que pouco a pouco se foram apagando as vibrações d'esse protesto, e que a indignação fugiu de todos os corações.
Porque?
Porque na serenidade do pensamento, na observação fria, todos excluiram a hypothese de um caso pensado, de um juizo são, de uma selvageria premeditada. A todos occorreu logo a idéa de que esse portuguez não era um criminoso, era um doido que não inspirava odio, mas compaixão.
Esta hypothese invadiu todos os espiritos, espalhou a toda a imprensa, e até que o telegrapho nos transmitta novos esclarecimentos, todos nós a temos assente e radicada como uma certeza.
Mas se por ventura nos enganarmos, e amanhã nos affirmarem que esse homem não era um doido, era uma indole perversa ou um mandatario assalariado, mais alto vibra ainda a revolta e a indignação n'esta certeza que se nos afixou no espirito de que não podia um portuguez um compatriota nosso, attentar, no pleno dominio das suas faculdades, contra a vida do imperador D. Pedro.
Se essa existencia fôra sempre preciosa e respeitavel, porque tres magestades a aureolavam, a do caracter, a da intelligencia e a da edade, a da doença tornava-a hoje veneranda e sagrada.
Para os portuguezes o imperador é mais do que o chefe do Estado Brasileiro, é o amigo de todos os filhos de Portugal, que do Brazil fazem a segunda patria, é o filho do rei soldado, é um dos membros mais illustres da nossa familia real.
Está pelo sangue vinculado á nossa terra, pelo espirito á nossa simpathia, pela intelligencia á nossa raça, pelo coração ao nosso reconhecimento, pelo caracter ao nosso respeito.
Quando, nas suas viagens, através da Europa, os reis o enchem de distincções, o presidente da Republica Franceza o acolhe com jubilo, os sabios privam com elle, os poetas o saudam e o povo o acclama, parece que essas manifestações vem reflectir-se em nós, que nos toma um justo orgulho, como se o mais alto e illustre dos nossos compatriotas fosse por extranhos acolhido e glorificado.
Ora se assim é, se tão identificados estamos com a sympathica e nobre personalidade do imperador, se temos sido sempre dos primeiros a exhaltar o seu nome, a descrever os traços typicos da sua individualidade, facil é de comprehender, primeiro a impressão de dôr, podemos asseverar de vergonha, que sentimos ao ler o telegramma deficiente, depois a quasi certeza, que mantemos ainda, de que o auctor d'esse attentado era um irresponsavel.
Publicando hoje o retrato de S. M. Imperial, o OCCIDENTE vem tambem prestar a sua homenagem, e fixar em publico a manifestação do seu jubilo.
Não acompanha esse retrato de uma biographia, porque ella é completamente inutil. Firmaram-se em todos os espiritos os traços d'essa nobre personalidade, as phases d'essa preciosa existencia não ha quem as não conheça. Aquella vontade de ferro, aquelle acrisolado patriotismo, aquella intelligencia culta, aquella actividade infatigavel, as excellencias d'aquelle coração, aquella bondade proverbial, de soberano, de marido, de pae, de avô, as excentricidades d'aquelle feitio sem egual, tudo isso, nas suas multiplicadas variantes, nas suas innumeras feições, é tão sabido de todos que seria fastidioso e inutil estar a contal-o aqui.
Limitamo-nos portanto a registrar n'este logar o nosso jubilo immenso que se traduz n'uma cordeal felicitação ao Brazil e ao imperador.

Jayme Victor.

LOURENÇO MARQUES

No ultimo numero publicou o OCCIDENTE na secção *As nossas gravuras*, um artigo sobre Lourenço Marques, em que se fez a historia resumida d'esta possessão portugueza.
Continuaremos hoje a fallar de Lourenço Marques, ao publicarmos a vista geral d'esta florescente colonia e da sua ampla bahia, reproduzida de uma excellente photographia com que fomos obsequiosamente brindados pelo distincto desenhador-photographo, sr. commendador M. R. Pereira, opulento proprietario n'aquella colonia, e que ao presente se acha em Lisboa.
O panorama que apresentamos n'este numero, foi photographado ainda este anno, e por isso dá idéa muito completa das novas edificações que se teem feito e que teem dado a Lourenço Marques o aspecto de uma cidade nova, cortada de grandes avenidas, ao longo das quaes se levantam edificações, umas já concluidas e outras em construcção, como se descreve no artigo a que já nos referimos.
Em presença d'este panorama que nos mostra toda a grandeza da formosa bahia de Lourenço Marques, comprehende-se facilmente a cubiça e inveja de que tem sido motivo para os inglezes, e tanto mais pela concorrencia que, n'um periodo não muito remoto, Lourenço Marques fará ás colonias inglezas do Cabo da Boa Esperança.
O caminho de ferro de Lourenço Marques a Pretoria, naturalmente indicado pela disposição dos dois paizes, vem accelerar o desenvolvimento da nossa colonia, o que compensará os sacrificios que estamos fazendo.
Na conferencia que o sr. commendador M. R. Pereira fez ha pouco em Thomar sobre Lourenço Marques e o seu caminho de ferro, encontramos a exposição mais franca do estado em que se acha esta colonia e da intriga que os inglezes teem movido com respeito ao caminho de ferro, no que apparecem revelações curiosas que achamos opportuno editar aqui, pedindo ao auctor a devida venia para transcrever alguns periodos que serão lidos com interesse:

«E' justo dizer-se que o governo actual dá todo o impulso ao desenvolvimento material e civilisador da nova cidade; não falta o numerario, e attendemos ali com a melhor boa vontade a secundar os patrioticos desejos e esforços; *Lourenço Marques* já é de todo o litoral da provincia de Moçambique o melhor e mais confortavel ponto de residencia, e o mais fovoravel ao europeu que queira trabalhar e vá ali residir.
Se quer estabelecer-se e dispõe de algum capital tem largo campo a explorar; se operario, o governo não só lhe tem facultado os meios de transporte, como pode exercer immediatamente a sua actividade, dando-lhe o governo moradia. Dizeime, senhores, pode fazer-se mais?... Creio que não; pois é este o estado prospero d'aquelle nosso precioso e cubiçado torrão, onde já se alçam edificios publicos e particulares notaveis, e estão em conclusão outros que completam o plano do ampliamento da cidade.
D'aqui a pouco vos mostrarei uma photographia, panorama geral da mesma cidade e da bahia [1]; todos vós conheceis o Tejo, desde a barra até além de Lisboa, pois é igual a situação de Lourenço Marques: ficando a cidade de um lado da bahia, de forma que é um porto de abrigo como o de Lisboa, para todas as esquadras e navios mercantes.»

Tratando da questão do caminho de ferro, diz o sr. Pereira:

«Excedido o praso do contrato e findo o favor das prorogações, não seria um erro desconhecer os effeitos de abandonar-lhes as duas vias de communicação, a fluvial e terrestre?
Fazendo alarde de ser um povo fleugmatico e orgulhoso, o gabinete britannico evidenciou mais uma vez que em Saint James podem discutir-se imprudentemente planos indecorosos; e, onde existir um ponto estrategico ou abundar ouro e diamantes, o mar e os polos, tudo emfim, é inglez e só pode prosperar e ter vida... pertencendo á Inglaterra!... *(Applausos)* Elles assim o julgam!... Todos nós conhecemos o conflicto e a nova tentativa de—suas Honras—quando em 1876 appareceram terrenos auriferos e diamantinos na area do districto de Lourenço Marques, e só então, apoz a questão de Bolama para elles ponto estrategico. Ultimamente, ainda nós fomos ali surprehendidos, em 28 de setembro findo, pela insubordinação de parte do corpo policial, umas 50 praças; presas 14 cabeças de motim para conselho de guerra, descobre-se que são dois individuos inglezes os que com dinheiro e bebidas distribuidas a 3 soldados planearam o attentado, fugindo apoz isto dois com o cabecilha!
Como acaba de nos noticiar hoje o telegrapho, tambem o anno passado o proprio consul offereceu ao governador: primeiro, para supplantar os amotinados a presença de uma corveta no nosso porto; o leopardo encobria as garras e o apettite faminto—e depois, peço-lhes que se recordem das falsidades que lhes trouxe a respeito o telegrapho, por elles expedidas para nos desacreditar e mostrar que haviamos perdido a força moral e a influencia politica, e portanto o direito de soberania e occupação: exigiam uma esquadra que garantisse—formula britanica—muito velha e que já deu resultados praticos n'outras epochas—que garantisse a vida e fazenda dos subditos inglezes!...
O consul inglez bem viu os aprestes para repellir a insurreição se fosse preciso isso; a bateria estava prompta, e o major d'artilheria, A. J. de Araujo mandava carregar a metralhadora e as armas explosivas, tendo ao seu lado as forças militares da nossa canhoneira *Douro*, desembarcadas por ordem superior e a do batalhão ali aquartellado todas em pé de guerra. Que necesidade de mais garantias?... era porém, como agora, o pretexto para a absorpção d'este local e sua valiosissima situação.
Dois dias depois, em uma reunião da Camara Municipal, desviei-me do assumpto que se tratava para protestar contra a nova tentativa dos emissarios estrangeiros; eu tinha ouvido a dois policias a verdadeira historia passada no quartel.
Pedi á presidencia que representasse sobre a influencia que na propria cidade e no interior a biblia e o dinheiro teem na classe inferior no sertão abundam os missionarios protestantes exploradores encapotados de um novo genero, aproveitando-se da falta dos nossos, deveras lamentavel para as nossas coisas publicas: o missionario é o verdadeiro propagandista. Finalmente, e não querendo tomar-vos muito tempo, socegaram os animos com a chegada da corveta *Mindello*, em commissão n'aquelles mares, até ao novo pretexto que ora se lhes apresenta; eu sou dos que tenho a certeza que os descontentes de Londres hão de vir com os seus capitaes para a nova concessão, que só deveria estar em nossas mãos, e tudo farão para não largar a preza. Digo mal, para alimentarem um resto de esperança. Em campanha de descredito contra a nossa influencia, e, mau grado para elles, o poderio e respeito que ainda sustentamos, toda a moeda que alli circulava ainda era estrangeira, pois recolhiam a nossa logo que apparecia na circulação. Muito trabalho deu á repartição das obras publicas e ao nosso commercio fazer comprehender ao negro que 500 réis valiam mais que 2 scilings; o inglez dizia-lhe que valia um cruzado!... e até que não prestava!...
Tal estado de cousas é impossivel e tinha for-

[1] E' a que publicamos.

çosamente de acabar e nem haveria povo algum que a consentisse; o governo que tomou a serio dotar o porto de Lourenço Marques a sua cidade com os melhoramentos que já possue e edificações que teem custado centenares de contos, não podia consentir esse descredito esse odio e cubiça, tão velhos como continúos e traiçoeiros, contra nós, soffredores e prudentes.

O governo quer; sacrifica, é verdade, alguns milhões onde tudo ha a crear, porém o caminho aberto para o Transwal é o caminho de communicação para a parte Occidental... é, natural e impreterivelmente o emporio commercial de um vasto imperio, e o levantamento de outras zónas valiosissimas, Quilimane e todo o Zambeze.

E' verdade que toda esta prosperidade e compensação aos capitaes que alli se empreguem inutiliza as colonias inglezas, commercial e politicamente. Este é o ponto da questão.

Creio, senhores, ter demonstrado praticamente na explicação que me pediram, qual a attitude das cousas actuaes; nós apenas reconquistámos o nosso logar, muito hypothetico até agora para nós, da parte de uma companhia *portugueza* contractada para effectuar uma determinada obra em territorio *portuguez*.

Os que ali habitâmos viamos com magoa a morosidade da execução, a má direcção dada aos trabalhos e sua falta de pessoal technico; photographei eu, por convite da direcção das obras publicas, pontes sem solidez; e, é inaudito — especadas, dez dias depois de construidas, com traves e outros materiaes!...

Os pagamentos aos trabalhadores da linha não se effectuavam em regra, chegando alguns a levar suas queixas á direcção das obras publicas, fiscal por parte do governo da construcção da linha.

Em direito firmado é de todo o ponto inadmissivel sobre os termos especiaes do contracto uma intervenção estrangeira; quando se empregou o capital sabia-se bem a que termos e a que leis ficava sujeito.

E tanto assim é que o contracto a denomina — portugueza *para todos os effeitos*... reserva essa que obrigou felizmente os felizes e calculistas que contribuiram com capitaes para, se não de facto *de direito*, e mansamente, se apossaram de um ponto ha tanto tempo cubiçado, os obrigou a desistir do fôro proprio, e sujeitando-se ás consequencias que adviriam da sua boa ou má fé collocarem-se ao apoio nunca desmentido das nossas leis e das decisões de um paiz pequeno, no continente onde tem a suprema direcção; mas honesto, serio e sobretudo — justo.

Não ha, pois, que recear; não estamos ainda em circumstancias de precisar de capitaes alheios, e o inglez reconhece bem o valor do ponto que a natureza por si mesmo creou e a de seu rico e fertilissimo solo, a par do sacrificio de milhões que a Inglaterra fez e faz para ter dois portos de abrigo no Cabo e no Natal, construidos de pedra e ferro.

Conhecem bem a importancia politica e commercial da nossa união com o Transwaal, e, francamente, se assim não fôra, a Grã-Bretanha nem attentaria contra o nosso pavilhão, nem tão pouco permittiria que para o inutilizar se empregassem capitaes.»

AS NOSSAS GRAVURAS

MEDALHA COMMEMORATIVA DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRAZIL

A colonia portugueza em Pernambuco, que se tem associado notavelmente as manifestações de regosijo que em todo o Brazil tem celebrado a abolição da escravatura, como já tivemos occasião de referir nas paginas do OCCIDENTE,[1] não quiz deixar passar o primeiro anniversario da promulgação d'aquella lei redemptora, sem uma commemoração digna e duradoura, mandando cunhar uma medalha commemorativa, e da qual publicamos uma reproducção na gravura da pagina.

Devemos a obsequiosa offerta do sr. J. A. Barboza Vianna, de Pernambuco, o decalque que nos serviu para a gravura que publicamos assim como as explicações que se seguem.

A medalha, que reproduzimos em tamanho natural, tem o diametro de oito centimetros e a espessura de oito milimitros. Cunharam-se cincoenta e um exemplares, sendo cincoenta em bronze e um em prata que foi depositado no Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano em Pernambuco. O cunho foi gravado pelos srs. Brito & Valença Sarramayou, da cidade do Porto.

Um exemplar d'esta medalha foi offerecido á Sociedade de Geographia de Lisboa.

[1] Vid. *Occidente* vol. XI pags. 243 e 245

GARIBALDI

(Continuado do n.º 381)

A intervenção dos almirantes francez e inglez dá a esta guerra uma nova face.

Os almirantes Lainé e Inglefield resolvem mandar uma expedição contra Uruguay em poder do inimigo e confiam de Garibaldi uma divisão naval.

Esta expedição sae de Montevideu em fins de 1845 e chega a Colonia, onde esperavam a esquadra franceza e ingleza dispostas a atacar a cidade.

Effectivamente horas depois Colonia capitulava e, tendo os habitantes abandonado as suas casas incendiando-as, a cidade foi entregue ao saque.

Garibaldi segue a sitiar a ilha de Martim Garcia que se rende sem oppor a menor resistencia. Gualeguaychu e Paysandu submettem-se-lhe tambem promptamente.

A batalha do Campo de S.to Antonio foi uma das mais importantes em que se encontrou a gente de Garibaldi e as forças da republica, e por isso elle achou justo perpetuar a gloria dos vencedores, fazendo levantar n'uma collina perto de Salta o monumento funebre consagrado aos valorosos luctadores mortos em combate. Sobre os braços da cruz que rematava o monumento lia-se a seguinte inscripção:

Á LEGIÃO ITALIANA, MARINHA E
CAVALLARIA ORIENTAL

Pouco depois Garibardi recebe ordem de voltar a Montevideu e o seu regresso inspira uma das maiores manifestações populares de que ha memoria n'aquella cidade.

Em recompensa dos serviços prestados ao Uruguay o governo confere-lhe o titulo de general, porém elle só consente em recebel-o depois de instado pelo povo que o acclama pelas ruas de Montevideu, como o genio da independencia da patria; não acceita comtudo as valiosas offertas de terras e rebanhos votadas pelo governo como remuneração aos incommodos e perigos de tantos mezes de campanha e responde ás instancias que lhe são feitas: *que os italianos de Montevideu tinham pegado em armas para obedecer unicamente ao chamamento da independencia da republica Oriental e não com a esperança em ambiciosas retribuições.*

Esta negativa foi digna de levantado elogio, porque soube-se mais tarde que no momento em que Garibaldi repellia a generosidade do governo estava elle e sua familia vivendo d'uma simples ração de soldado, sem ter luz para se alumiar durante a noite. Quando o general Pacheco y Obles, então ministro da guerra, teve noticia d'isto apressou-se em mandar-lhe pelo seu ajudante de campo 600 fr, porém elle só acceitou metade dizendo ser o sufficiente para fazer face ás suas mais urgentes necessidades e de sua familia, e pediu se entregasse a outra metade á viuva de um corajoso italiano, que tinha encontrado a morte no campo de batalha.

O affecto que lhe consagravam as pessoas de todas as classes, a confiança que lhe dispensava a auctoridade e os direitos que lhe haviam creado os seus constantes esforços durante a guerra, nunca foram olhados por Garibaldi como um titulo a recompensas monetarias; assim pois os unicos favores que se prestou solicitar, foram o perdão de algum conspirador ou a liberdade de algum preso.

A presença de Garibaldi na America do Sul foi summamente util não só para os povos que defendeu com a sua espada, como para recrutar e amestrar os legionarios que levou á Italia quando ali explosiram os acontecimentos de 1848.

Garibaldi continuava pois, pobre com o seu simples soldo de militar, depois de ter derramado o sangue por uma republica que queria cobril-o de honras e riquezas.

Reunindo os seus companheiros de armas e sua mulher e filho foi viver com elles para um logar distante de Montevideu.

A colonia dos proscriptos construiu para suas vivendas uns pavilhões em cujas frechas douradas fluctuavam galhardetes das cores da bandeira italiana.

* * *

As extraordinarias noticias vindas de Italia puzeram a colonia italiana em grande fermentação.

Carlos Alberto, rei da Sardenha, que consubstanciava em si os votos da patria commum representados em Veneza, Sicilia, Napoles, Florença, Turim, Milão e Roma, todas sublevadas, pedindo a sua unidade e a libertação do poder extrangeiro, arvorara a bandeira tricolor e emprehendia essa obra de redempção á frente de um exercito aguerrido que depois de notaveis feitos de armas soffreu a primeira derrota na batalha de Custozza a 25 de Julho de 1848.

Garibaldi reuniu de novo os seus fieis camaradas e pensou em afretar alguns navios para se transportar com elles á Italia.

Porém desprender-se dos comprimissos que tinha creado para com Montevideu, a par de arranjar o dinheiro preciso para afretamento dos navios, eram operações que exigiam grande dilação de tempo, e Garibaldi não tinha a certeza se iria buscar á patria a perda da liberdade ou a morte, em troca dos serviços que generosamente lhe poderia prestar. Ignorava o acolhimento que a Italia lhe reservava, é certo, porém tinha a convicção de que não podia ser mal recebido pelo povo quando acudia ao seu primeiro grito com o seu talento e a sua espada.

Garibaldi abriu uma subscripção para equipar convenientemente o seu corpo de voluntarios; da Europa e da America do Sul são-lhe enviados importantes donativos.

Stephano Antonio, genovez, envia-lhe sessenta mil francos para armas e munições.

Fernando Nunes, um rico banqueiro de Montevideu concorreu, tambem generosamente pondo á disposição de Garibaldi um credito de cem mil francos sobre a sua firma.

Outros muito importantes recursos se juntam a estes, e dentro em pouco Garibaldi poude reunir a valente phalange destinada a auxiliar a guerra da independencia da Italia e a fretar um navio para a transportar.

Este navio tinha o nome de *Esperança*.

(Continúa) *Julio Rocha.*

QUESTÃO DO CAMINHO DE FERRO DE LOURENÇO MARQUES

AFRICA PORTUGUEZA — VISTA GERAL DE LOURENÇO MARQUES COM AS NOVAS EDIFICAÇÕES (Segundo uma photographia tirada em 1889 pelo sr. Commendador Manuel J. R. Pereira)

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVII

Apenas saihiu as portas de S. Sebastião da Pedreira, o Quim na almofada da caleche aberta dos viscondes de Friões, sentiu entrar-lhe no corpo uma alma nova: todas as peripecias mysteriosas que o tinham massado e preoccupado durante esses ultimos dias como que cahiram no poço do esquecimento. O ar puro que respirava, a festança que se lhe desenhava n'um horisonte proximo, e os ditos e as partidas que de dentro da caleche lhe faziam as filhas do visconde, que eram umas raparigas endiabradas e gostavam muito da Emilinha e do irmão, tudo isso concorreu para lhe desanuviar o espirito e quando chegou ahi ás alturas da Porcalhota tinha resurgido na almofada do trem da viscondessa o antigo Quim Barradas, o Quim jovial e folgazão, que era o divertimento das salas de Lisboa, o mais alegre e engraçado companheiro que se podia encontrar para uma *soirée*, para um *pic-nic*, para uma passeiata ao campo, titulo que de ha muito faziam d'elle o ai Jesus das pessoas das suas relações, e o recommendavam ao seio das familias do seu conhecimento.

N'esse tempo ir de Lisboa a Cintra era uma verdadeira viagem; cinco horas de jornada e por más estradas, com paragens aqui e ali para dar de comer aos cavallos, para os cocheiros molharem a palavra, e para os viajantes arejarem o corpo e refazerem as forças.

Era muito menos rapida e commoda do que hoje, que o caminho de ferro fez de Cintra um bairro de Lisboa, mas verdade verdade era muito mais divertida.

A jornada com todas as suas massadas e demoras era um attractivo da ida a Cintra, *partie de plaisir* principiava logo ali, e então os rapazes e as raparigas que iam a Cintra por divertimento e não para tratar de negocios, morriam por essa viajata.

O Quim na almofada do trem rejubilava, e quando chegou á Porcalhota ia já tão divertido, tão patusco, tão *bon-vivant*, que emquanto os cavallos comiam a sua ração atirou-se ao coelho guisado, já então celebre, mais celebre do que hoje

que o caminho de ferro deu quasi que cabo d'elle —e offereceu á Guida, á festejada do dia seguinte, como antecipada prenda de annos . . . uma azinha de coelho.

A graça fez muito effeito, provocou gargalhadas estridentes respostas tambem engraçadissimas e a viscondessa de Frióes rindo-se muito com a boa chalaça do Quim, dizia muito lisongeira, muito cheia de bonhomia, para a Emilinhas:

—Este seu irmão sempre tem cada uma! E' mesmo o demonio! Está sempre com a carinha n'agua! Eu gostava de ter um genio assim!

Finda a estação na Porcalhota e o episodio da aza de coelho; o trem seguiu o seu caminho.

Era noite fechada: a estrada estava escura como breu; e a luz tremula das lanternas da carruagem dava fórmas exquisitas, feitios fantasticos ás arvores que passavam a correr como as vistas de um kaleidoscopo.

De vez em quando ouvia-se uma voz ao longe, sahindo do meio das trevas: e a viscondessa assustava-se com aquella solidão, com aquella negrura, e para se incutir animo a si propria e animar suas filhas, contava historias de salteadores, casos de carruagens assaltadas n'aquelles mesmos sitios, e de ladrões e de assassinos que sahiam á estrada a atacar os viandantes, e que não eram muito raros n'aquelles tempos.

O Quim então, espirito forte, audaz destemido, animava a caravana, fasia discursos aos salteadores invisiveis, lá de cima da almofada, gritava, ameaçava, imitava tiros de espingarda com a bocca, fasia taes coisas que a viscondessa apesar de todos os seus medos não tinha remedio senão desfazer-se em gargalhadas.

Finalmente chegaram a Mansamá, um pequeno logar na velha estrada de Cintra entre Ponte Pedrinha e o Papel.

Os criados da viscondessa esperavam os seus patrões á porta do solar, para festejarem a chegada da menina que no dia seguinte fazia annos.

Quando a carruagem parou á porta, subiram ao ar foguetes, e os creados soltaram uns vivas sumidos, e a viscondessa e as meninas muito commovidas com esta recepção festiva entraram em casa com os seus dois hospedes.

Serviu-se uma canja de gallinha, um pedaço de vitella e uns copos de vinho do Porto, e depois cada qual se retirou para os seus aposentos, a descançar da massada da viagem e a preparar-se para se levantar cedo no dia immediato, o dia da festa.

E o Quim dormiu como um abbade, na sua cama muito fôfa e sem pensar sequer no visinho major, nem na D. Ephygenia, nem sequer, e vejam lá como os homens são ingratos! na pobre da Alicesinha que ainda n'esse dia para elle se desfizera em cartas.

XVIII

O dia dos annos da Guida foi um dia de festa rija no solar dos viscondes de Frióes.

Festa rija, mas festa quasi que exclusivamente familiar, mettendo muito poucos convivas, apenas uns amigos intimos do visconde e da festejada que foram passar com ella o dia do seu anniversario natalicio.

Logo pela manhã o Quim foi arrancado aos braços de Morpheu pelos estouros d'uns foguetes —surpreza amavel dos criados—que rebentaram quasi que em cima das vidraças do seu quarto de dormir.

O Quim embirrou com esse enthusiasmo pyrotechnico da criadagem, mas não teve remedio senão fazer boa cara.

Levantou-se, vestiu-se e sahiu do quarto.

Não encontrou senão os criados: as senhoras estavam ainda recolhidas, ou faziam a sua *toilette*.

Para matar tempo foi dar um passeio pelo jardim e o ar matinal inspirou-lhe uma idéa muito mimosa: compôr uma poesia em honra de Guida, para recitar ao almoço, dando-lhe os parabens.

O Quim não era precisamente um poeta, lá isso não, não era com franqueza; os versos não eram o seu forte, mas fizera em tempo um acrostico a um dos directores da sua companhia de seguros e não sahira de todo mau, tinham dito os entendedores.

E depois quem demonio é que pela manhã no campo, não se sente um bocadinho poeta?

E não era preciso mais do que um bocadinho porque a poesia era tambem pequena.

Acrostico era o genero que elle já tinha cultivado uma vez com successo, e portanto o mais simples era não sahir agora do genero.

Acrostico a Guida.

A Guida ou a Margarida?

Ao diminutivo familiar ou ao nome do baptismo?

O Quim hesitou um bocado n'isto.

Mas resolveu-se depressa.

O acrostico devia de ser a Guida por varias razões. a começar por Guida ter só cinco lettras ao passo que Margarida tem nove.

E fazer cinco versos é muito mais facil do que fazer nove; é quatro vezes mais facil pelo menos.

E o Quim começou a passeiar pelo jardim, puchando pelo talento, mas por mais que puchasse o diabo do talento não dava nada...

O Quim attribuiu isso aos malditos foguetes.

Quando elle estava quasi, quasi a apanhar uma idéa: *zás, tráz, catapráz!* estourava um foguete de três respostas e lá se ia a idéa com mil demonios.

Quatro vezes lhe aconteceu isto, e já azoado com a coisa, resolveu ir para longe dos foguetes, ir dar um passeio pela estrada fóra.

Quando porém ia a sahir a porta da quinta, parava precisamente um trem: era o visconde, que tendo por força de ficar em Lisboa na noite anterior por causa da assembléa geral de uma companhia de que era director, sahira de madrugada ainda, para ir almoçar com a Guida, a sua filha predilecta, no dia em que ella completava as suas desoito primaveras.

Com o visconde iam tambem o padre Bernardino, o capellão da casa, e o conselheiro Mimoso, o chefe d'uma das repartições do ministerio da Fazenda e que era muito lá de casa.

O Quim ficou muito contrariado com este novo impecilho que se lhe antepunha ao seu estro, mas não teve remedio senão mostrar-se muito contente com o encontro e correu para o visconde de braços abertos, desfazendo-se humildemente em enthusiasticos parabens.

Continúa.

Gervasio Lobato.

MATER DOLOROSA

Já quasi vinte seculos passaram,
Depois que no martyrio angustioso.
De lágrimas teus olhos se banharam,
Oh Virgem-Mãe, oh Ideal formoso!

Quantas dôres crueis dilaceraram
Teu santo coração esplendoroso!
Jamais penas maiores torturaram
Um sentimento austero e generoso.

Ficaste sendo a imagem da amargura,
Oh Martyr da mais negra desventura!
Assim como o cançado navegante,

Quasi a morrer no turbilhão das aguas,
A humanidade, n'este mar de magoas,
Procura em ti a salvação distante.

Porto, 1889. *Alfredo Alves.*

NOVIDADES DA SCIENCIA

Mutua acção magnetica dos astros. — Considerando que os grandes movimentos das camadas superiores das atmospheras do sol e da terra, são a causa immediata da electricidade, pela fricção das particulas liquidas e solidas, que fluctuam n'essas camadas, M. Luvini chegou ás conclusões seguintes:

1.º As descargas electricas, quasi continuas, que resultam d'essa fricção, tendem a tomar a direcção da força electro-motriz operada pelo magnetismo do astro, todas as vezes que as particulas electricas atravessem as linhas da força magnetivel.

2.º Essas descargas, ou, para melhor dizer, essas correntes explosivas, reagem sobre o magnetismo do astro e modificam-lhe os elementos.

3.º A modificação assim produzida no magnetismo d'um astro é a causa directa d'uma modificação correspondente no magnetismo do outro.

E' assim que as maiores perturbações magneticas sobre a terra se ligam com as epocas de mais actividade solar.

M. Luvini ajunta, que todos os astros que actuam como imans, e que teem uma atmosphera contendo particulas solidas ou liquidas, devem produzir os mesmos effeitos que os da terra e do sol.

Novo processo de tracção — Um engenheiro americano acaba de fazer uma applicação muito curiosa da propriedade que possue um helice atravessado por uma corrente attrahir um centro de ferro. E' fundado sobre a attração d'um selenoide sobre o seu centro.

A acção successiva d'um certo numero d'estes helices sobre um carro magnetico especial imprime a esse vehiculo uma rapidez consideravel. Essa rapidez é regulada automaticamente pela força contra-electro-motriz produzida pela passagem do carro nos helices, de sorte que quando a rapidez normal é atacada o consumo de energia é reduzido ao consumo strictamente necessario á conservação d'essa rapidez.

Este processo de tracção terá um vivo successo de curiosidade tanto pela sua novidade como pelo seu methodo original.

E' interessante saber se a ideia é pratica, isto é, conhecer o custo da linha, o seu rendimento como utilisação da força empregada, as despezas provaveis do custeamento, e as vantagens particulares que o novo methodo póde apresentar, que o devem fazer preferir aos outros, mesmo apesar de certa inferioridade.

Vão fazer-se as experiencias e do que resultar contaremos n'um dos proximos numeros.

Seda marinha.—Entre os novos productos que a industria retira do fundo dos mares um dos mais notaveis é o tecido fabricado com uma especie de musgo gerado na concha *pinna* que se encontra no Mediterraneo.

Estas conchas são, em geral, muito frageis. São longas e estreitas d'um lado e muito largas do outro.

O molusco possue a faculdade de fiar uma seda consistente mas não da mesma maneira que o bicho de seda, pois que não forma casúlo mas sim uma substancia pastosa encerrada n'uma fenda da lingua servindo para com ella a fixar aos rochedos e outros córpos estranhos.

Extrae-se em grande quantidade do mar Mediterraneo onde se encontra a uma profundidade de 6 a 9 jardas sendo extrahida com um instrumento proprio em forma de torquez.

Não obstante essa tenacidade os fios constituem munchões de tal sorte resistentes que é preciso empregar grandes esforços para os arrancar as conchas dos rochedos.

Essas materias filamentosas, designadas sob o nome de *Sana pinna*, e desagregada da concha e lavada em agua com sabão fazem-a secar á sombra, cortam lhe asraizes inuteis, é penteada cuidadosamente sendo por fim fiada ao fuso como um fio de seda. O fio assim obtido é lavado em agua misturada com sumo de limão e em seguida esfregado á mão e alisado a ferro quente.

A cor fica d'um bello amarello fosco dourado de brilhante effeito servindo o tecido para fabricação de diversos artigos como chales, meias, piugas, bonnets, luvas bolsas, etc.

Palermo é a séde principal d'este ramo de industria, que lhe tem dado ultimamente grandes fontes de receita.

Nova illuminação oxhydrica.— Uma exposição scientifica foi aberta em Colonia por occasião da 61.ª reunião dos naturalistas e physicos allemães.

A optica é ali representada por grande numero de instrumentos photometros de Weber, Schmidt, e Hansel, apparelhos de projecção de Liesegang, etc.

O *Cosmos*, folha scientifica, assignala especialmente um novo tubo oxhydrico dando aos apparelhos productores da luz grande força illuminante,graças á introducção na chamma d'uma pastilha de Zircone.

Este novo genero de illuminação inventado por M. Linnémann, e preconisado por M. M. Schmidt e Hoensch, que o empregam nas suas lampadas de projecções, parece ter algumas vantagens sobre os baseados nos mesmos principios, e já empregados, taes como a illuminação sidéral, a illuminação Drummont, que são obtidos projectando um mixto de hydrogenio e de oxygenio sobre certos corpos refractarios.

Sendo dada a intensidade calorifica da combustão produzida, não foi senão depois de repetidos ensaios que se conseguiu achar uma substancia dotada das desejadas propriedades. Bem que o zircone seja conhecido ha muito tempo—poisque foi descoberto em 1788 por Kloproth e o zirconium isolado em 1805 por Berzelius—não é senão recentemente que se conseguiu estabelecer placas sufficientemente duradouras com este oxydo.

No tubo de gaz oxhydrico, do qual aqui se trata, uma pequena placa de zircone montada sobre platinas e collocada no ponto mais quente da chamma onde ella se torna incandescente projectando uma luz d'uma brancura extraordinaria e

cujo spetro índo de A ate H. é perfeitamente continuo.

Tem-se procurado provar que a lamina de zircone não é perfeitamente refractaria e que com o tempo ella se altera e se fendilha, todavia como esta circumstancia só se dá depois d'um grande uso não nos devemos preoccupar com isso.

A maior vantagem d'este apparelho é a de fornecer uma luz muito brilhante (de 60 a 200 velas) e ser invariavel, graças á fixidez do ponto luminoso, vantagem que se apreciará certamente desde que se pense na pouca regularidade dos refractores de arco voltaico, e na necessidade absoluta da immobilidade da origem da luz para os apparelhos de projecções ou de irradiação.

O GAZ NATURAL.—Ha quatro ou cinco annos, procedendo-se a algumas sondagens tentadas na Pensylvania para, sem duvida, attingirem as desconhecidas origens do petroleo, descobriu-se o Gaz natural, elemento novo que devia juntar uma nova força productiva á florescente região dos Estados Unidos da America do Norte. O gaz foi desde logo extrahido e applicado aos usos domesticos e industriaes.

Facilmente se deprehende a revolução que esta descoberta operou na maior parte dos industriaes do Ohio, na Indiana, no Illinois, e ainda n'outros pontos onde alguns poços se perfuraram com mais ou menos successo.

Segundo as analyses feitas por M. Emerson-Millier, cujos estudos sobre o *Gaz-light* são muito apreciados, entram no gaz extrahido da hulha e no gaz natural os seguintes elementos:

	Gaz natural.	Gaz de hulha
Protocarbureto d'hydrogènio	92.60	39.50
Azote	3 61	1.20
Hydrogènio	2.18	46.00
Oxydo de carbonio	0.50	6.00
Oxygènio	0.34	»
Bicarbureto d'hydrogènio...	0.31	3.80
Acido carbonico...........	0.26	1.50
Acido sulphydrico..........	0.20	»
Vapor d'agua.......	»	2.00
	100.00	100.00

O GRAPHOPHONE.—Foi em tempo apresentada á academia de França a celebre machina que registra e reproduz os sons. Agora M. Teinter vae demonstrar, no interesse da sciencia os progressos que depois d'isso teem sido feitos na arte de registar e reproduzir os sons.

Todos conhecem os trabalhos de Scott, de Crós, e o primeiro phonographo de Edison que registra os sons por meio d'um stylete que corre sobre uma folha metalica o que em inglez se chama *indentation.*

No primeiro phonographo d'Edison a inscripção faz-se pela pressão d'um stylete que grava os sons. Pois bem. M. Edison deixou o phonographo n'este estado sem o melhorar para se entregar ás suas novas descobertas sobre a electricidade.

Diz elle:

«O apparelho pesa cerca de 100 libras e custa muito caro e pouco partido se póde d'elle tirar. O traço da ponta d'aço sobre a folha de chumbo não póde servir senão um limitado numero de vezes. Eu mesmo (diz Edison) duvido que pudesse obter um perfeito phonographo capaz d'armazenar a voz ordinaria e reproduzil-a d'uma maneira clara e intelligivel, mas estou certo que se eu não conseguir melhoral-o a seguinte geração o fará. Deixei pois o phonographo para me occupar da luz electrica sobre a qual semeei um grão que cedo deve germinar.»

É n'este ponto que o professor Teinter retomou o trabalho. Os seus ensaios lemitaram-se ao processo da *indentation* e seja dito com justiça que foram perfeitamente bem succedidos.

Depois de infatigavel trabalho o Dr. Teinter achou que o unico processo pratico para registrar os sons e conserval-os, era a gravura sobre cera ou sobre um cylindro coberto com uma camada de cera.

Graças a este novo processo elle conseguiu construir um graphophone perfeito que dá resultados os mais satisfactorios a todos os respeitos.

M. Edison acaba de confirmar a justeza da descoberta do professor Teinter adoptando-a para o que chama *o seu phonographo aperfeiçoado.*

REVISTA POLITICA

Seria muito mais facil dármos desde já a lista dos deputados, que a urna ha de fabricar lá para outubro, se nos fosse dado penetrar os segredos de gabinete, do que encontrar novas da politica caseira com que entreter a curiosidade dos nossos leitores.

Completa escacez de novidades, o que não é para admirar n'esta época do anno, em que o calor e a poeira de Lisboa substitue o calor e a poeira de S. Bento, fazendo com que os politicos, que se degladiaram n'este ultimo, vão reconciliar-se á fresca sombra da matta do Bussaco, ou nas thermas das estações d'aguas, ao mesmo tempo que curam as despepsias das digestões inquietadas pelos discursos violentos, pronunciados nas sessões parlamentares.

Agora é preciso reconciliar os animos e refazer as forças para a campanha futura. Concertar os planos de combate. Estudar os manifestos que se devem fazer aos eleitores, e tudo isto sáe muito mais calculado e perfeito, combinado na intimidade da vida campestre, retirada d'este grande palco da cidade, só proprio para as grandes representações comediantes.

Apesar, porém, da maioria dos nossos politicos estar em férias, e as eleições estarem ainda distantes, são ellas o manjar em que a imprensa politica debica, annunciando os jornaes do governo que as eleições d'este anno serão um modelo de cordura, de liberalismo, dando-se muito embora batalha, mas com polvora secca e espadas de pau, tudo a fingir como no theatro; e, se acaso correrem algumas *carinhas* dentro dos circulos politicos, serão macanjas, das que fazia o *Pera de Satanaz*, uma pura brincadeira a tal batalha, que ha de fazer chorar de rir, e de que todos hão de pedir mais.

Ao contrario, os jornaes da opposição já antevêem violencias de toda a ordem; uma contradansa de administradores de concelho e cabos de policia d'um ao outro extremo do paiz, o povo inerme apedrejado, acutilado, estendido pelas balas, uma campanha, emfim, que, em vez da polvora secca, se exhibirá a dynamite, o diabo; e tudo isto para fazer deputados do governo.

Todas estas cousas poderão não ser novidades, mas sempre entretem o espirito dos leitores e enchem umas columnas dos jornaes, que a não ser assim, só tem a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques, mas essa conserva-se na espectativa, até ver qual a resolução que o governo toma.

Parece, porém, que o governo concluirá o caminho de ferro por sua conta, e é isto que está no sentimento geral do paiz, como meio mais seguro de evitar novas complicações e influencias dos nossos *fieis alliados;* e, sendo assim este assumpto, pouco ou nada póde produzir para o *dize tu direi eu* da politica, e ahi está porque não se falla do caso.

Uma cousa nos admira e é que só agora se percebesse que o caminho de ferro de Lourenço Marques devia ser feito pelo governo, ou sem a intervenção de capitaes inglezes, porque, emfim, não ha abnegação susceptivel de fabricar corda para se enforcar.

Se este caminho de ferro não convinha aos inglezes, como poderiam elles de boa fé concorrerem para que se fizesse?

Bem sabemos que a concessão foi dada a um americano, e que a companhia que se formou foi portugueza, mas a prova de que isso não serviu para nada ahi se está vendo, dando o triste resultado do caminho de ferro não estar concluido depois de dois annos de prorogações.

E para terminármos, por hoje, a nossa missão, apenas temos uma noticia a dar, que tanto interessa o leitor que come pão, como aquelle que o fabrica.

A lei ultimamente decretada para os cereaes, e que o desgraçado estado da agricultura do paiz exigiu, está encontrando suas difficuldades na pratica, sendo de receiar que tão cedo não aproveite para a agricultura portugueza.

Os depositos de trigo estrangeiro são enormes, e antes que o trigo nacional alcance os beneficios d'aquella lei, decorrerá muito tempo, que é o que alimenta a esperança e destróe as illusões.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

CONDES DE VALENÇAS.—Regressaram de Paris de visitarem a exposição, os srs. condes de Valenças. Suas ex.as chegaram a Lisboa no dia 29 do mez que acabou, vindo no *Sud-Expres*. Na estação de St.a Apolonia eram esperados por suas gentilissimas filhas, mãe da sr.a Condessa e mais familia, e muitas pessoas das relações mais intimas dos srs. condes.

REGATA DA REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL.—Conforme prometemos no ultimo n.º do OCCIDENTE, damos hoje noticia do resultado da regata, em Paço d'Arcos, promovida pela Real Associação Naval, que se realisou no dia 21 do mez findo.

Ganharam os premios, nas corridas á vella os seguintes barcos:

1.ª—Hiates de 20 e mais toneladas. *Mina*, lugre latino do sr. H. F. Moser. Premio offerecido por S. A. o Principe Real.

2.ª—Hiates de coberta de 20 toneladas, *Estrella*, cuter do sr. C. Duarte Luz. Premio, um objecto d'arte offerecido pela Real Associação Naval.

3.ª—Hiates de bocca aberta de qualquer tonelagem, *Zarco*, cahique do sr. G. Oliveira Arriaga. Premio, um objecto offerecido pela Real Associação Naval.

4.ª—Fragatas de carga, *Joven Mina George*, do sr. M. Almeida, 1.º premio de 36$000 réis; *D. Maria II*, dos srs. Oliveira & Freitas, 2.º premio de 18$000 réis.

5.ª—Botes catraios, *Dragão*, do sr. João do Espirito Santo, 1.º premio de 13$500 réis; *Voador*, do sr. Antonio do Espirito Santo, 2.º premio de réis 9$000.

Nas corridas de remos ganharam os premios os seguintes barcos:

1.ª—Skiffs, *Shamrock*, remador F. Goullard. Premio, um objecto d'arte.

2.ª—Outrigers de 4 remos, *Dark*, patrão Metrass, remadores: P. Navarro, K. Dagge, C. Bersis, G. Norton, este voga. Premio, medalha de *vermeil*.

3.ª—Guigas de 4 remos, *Swallov*, patrão e remadores os mesmos da anterior. Premio, medalha *vermeil*.

4.ª—Guigas de 6 remos, *Ophelia*, patrão J. Botelho, remadores: Duff, Beirão, Bourguetti, M. Cardoso, C. Galvão, G. Galvão, este voga. Premio, medalha *vermeil*.

5.ª—Não se realisou por desestirem os concorrentes.

6.ª—Escaleres tripulados por alumnos marinheiros. Premio de 16$000 réis.

7.ª—Canôas dos hiates, de 1 remador, *Maria*. Premio, 5$000 réis.

ESCOLA INDUSTRIAL «INFANTE D. HENRIQUE».—Vieram de Italia para a escola de desenho industrial *Infante D. Henrique* no Porto, tres professores srs. Battistini, Michel Angelo e Fiorentini.

Com estes professores veio tambem grande porção de modelos para ensino.

MONUMENTO A JOAQUIM LOPES.—A camara municipal de Oeiras resolveu, em sessão de 23 de agosto de 1888, por proposta do seu digno presidente sr. Joaquim Moreira Rato, levantar um monumento ao benemetrico patrão do Salva Vidas, Joaquim Lopes, cujos rasgos humanitarios com que tem salvo dezenas de vidas das vorazes ondas do Occeano, são bem conhecidos dentro e fóra do paiz.

Para a realisação d'este intento, constituiu-se a mesma camara em uma commissão especial, para obter donativos por meio de uma subscripção publica.

A idéa é de todo o ponto justa e sympathica, e estamos certos que haverá muito quem concorra para a apotheose do velho marinheiro que tantas vezes tem arriscado a propria vida para salvar a dos seus similhantes.

A commissão compõe-se, além do presidente da camara a que acima nos referimos, dos srs. Luiz Antonio Teixeira de Vasconcellos, Pedro Augusto, Ignacio Casimiro Alves d'Azevedo, João da Matta Martins, thesoureiro a quem podem ser enviadas quaesquer quantias para a subscripção.

REVISTA AZUL.—E' este o titulo de uma revista litteraria, mensal que vae ser publicada no Porto. E' especialmente dedicada ao bello sexo.

HOSPITAES PARA TYSICOS NA SERRA DA ESTRELLA.—Para aproveitar as condições excepcionaes da Serra da Estrella, para o tratamento dos tysicos, organisou-se uma sociedade sob o titulo de *Club Herminio* cujo fim é construir hospitaes na serra para o tratamento d'aquella doença. Acham-se já inscriptos 600 subscriptores á frente dos quaes figuram suas altezas os duques de Bragança. Uma senhora, que se occulta sob o incognito, deu uma quantia importante para a construcção d'um hospital, a que já se deu principio, destinado para mulheres e creanças.

O orçamento calculado para cada hospital é 10:000$000.

Leão xiii.—Volta de novo a preoccupar a imprensa europea a possivel sahida de Roma do Papa Leão XIII. A politica seguida pela Italia n'estes ultimos tempos, está influindo consideravelmente na resolução do Summo Pontifice em abandonar o Vaticano, e cada dia corre com mais insistencia que essa resolução se verifique, não se sabendo comtudo para onde irá Sua Santidade.

Todos os paizes catholicos tem offerecido, extra-officialmente é claro, carinhosa hospedagem ao chefe da egreja catholica, e até os catholicos inglezes já se manifestaram n'esse sentido.

Em Portugal tambem já se trata de enviar uma mensagem a Leão XIII convidando-o para, no caso de abandonar Roma, vir residir para a grande basilica e palacio de Mafra.

Todas estas offertas são extremamente lisongeiras para Leão XIII, mas parece-nos que elle não abandonará Roma.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista das Sciencias Militares, *fundada por Antonio Alfredo Barjona de Freitas, capitão do corpo de estado maior e José Manuel Rodrigues 1.º tenente de artilheria socio da Academia Real das Sciencias*, director J. Renato Baptista capitão de engenheria. Vol. viii, n.º 48 junho de 1889. Publica os seguintes artigos: Abastecimento de munições de infanteria no campo de batalha, por Antonio Luiz Teixeira Machado; Cavallaria independente, por Victoriano José Cesar; Ligeiro estudo sobre o regulamento das manobras da infantaria allemã de 1 de setembro de 1888, por Manuel d'Oliveira Gomes da Costa; A reorganisação da marinha de guerra, por José Candido Correia; Applicações militares da luz electrica, por Henrique Baraona e Costa. Organisação da engenheria militar, por J. Renato Baptista; Boletim Bibliographico, noticias militares, etc.

Jornal para todos, proprietario ManuelCaetano da Silva, Coimbra. N.os 1 a 3 d'este semanario que principiou a ver a luz publica em Coimbra. Parabens ao novo collega.

Marrocos por Edmundo de Amicis, com illustrações de E. Ussi e C. Biseo. Companhia Nacional Editora, Lisboa. Fasciculo 35.

Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, *Poemas Eroticos* por Manuel Ignacio da Silva Alvarenga—Alcindo Palmireno. Este poeta nasceu no Brazil em 1740 e morreu no Rio de Janeiro em 1814. As suas poesias tiveram grande voga tanto no Brazil como em Portugal, onde viveu algum tempo e onde compoz uma ode dedicada á inauguração da estatua equestre de D. José I. O livro agora publicado vem recordar aos menos versados na litteratura patria, este festejado poeta portuguez dos fins do seculo passado e principios do actual.

O Ensino *revista pedagogica portugueza publicação quinzenal*, proprietario e redactor principal Theophilo Ferreira. n.os 9 a 12 do 5.º anno. Já nos temos referido a esta revista com o louvor que ella merece.

Os Exploradores do seculo XIX por Julio Verne, traducção de Pinheiro Chagas. Companhia Nacional Editora, Lisboa. Vol. ii. Faz parte da grande edição popular das *Grandes Viagens e Os grandes viajantes.*

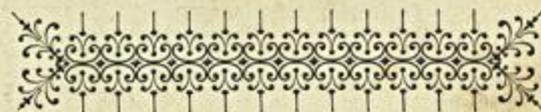
Almanach dos Palcos e Salas para 1890 — 2.º anno de publicação—illustrado com o retrato e biographia da actriz Beatriz Rente, etc. Arnaldo Bordalo, editor, Lisboa. E' o primeiro almanach que apparece para o anno futuro.

Assumptos africanos *Caminho de Ferro de Benguella ao Bihé* por Eduardo Braga, Lisboa. Um folheto em que se demonstra as vantagens da construcção d'este caminho de ferro e qual a sua melhor directriz.

Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa por Eduardo Freire de Oliveira. Folhas 13 e 14 do tomo iv.

Escola de Desenho Industrial «Pedro Nunes» em Faro *Museu Industrial Maritimo. Catalogo das collecções*. Lisboa. No prefacio d'este catalogo diz o sr. Francisco da Fonseca Benevides, tão intelligente quanto infatigavel inspector das Escolas Industriaes, que o estabelecimento de um museu industrial maritimo junto da escola *Pedro Nunes*, foi decretado em 4 de janeiro do corrente anno, e que já hoje se acha organisado com 372 exemplares diversos relativos á industria da pesca e da navegação, tendo sido os exemplares de pesca adquiridos da collecção que o sr. Baldaque da Silva, dignissimo official da armada, muito dedicado ao estudo d'esta industria no paiz, possuia. A collecção do sr. Baldaque da Silva constava de 82 modelos de redes e outros utensilios de pesca e 30 modelos de barcos; além d'isto o museu possue 21 quadros de peixes molluscos e crustaceos, 12 modelos de construcção naval, 107 de obras de marinheiros, 2 de vapores, 14 de ferros e amarrações, 24 de instrumentos de nautica, 17 de machinas, 39 de poleame e talhame, 24 cartas e planos hydrographicos.

Todos estes objectos estiveram em exposição na escola *Marquez de Pombal* em Alcantra, antes de seguirem para Faro.

Guia Postal, *contendo differentes esclarecimentos, relativos ao serviço do correio*, coordenada por José Joaquim Henriques 1.º aspirante do correio de Lisboa. Um folheto de 32 paginas em que se encontram todas as tabellas de portes de correio, muito util principalmente ao commercio.

Revista Archeologica *estudos e notas publicados sob a direcção de* A. C. Borges de Figueiredo, bibliothecario da Sociedade de Geographia de Lisboa. Typographia da Academia Real das Sciencias, 1889. Vol. III, N.os 5, 6, 7, Maio, junho julho de 1889. O summario d'estes n.os é o seguinte:

Pereira, O castello romano de Vallongo.—*Figueiredo*, Onde foi a batalha de Ourique?—Congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas.—*Figueiredo*, Cruzeiro de Villa-Viçosa; Miscellanea epigraphica; A decifração das inscripções «luzibericas» do sr. Bonança; Bibliographia; Sobre uma passagem de Aristoteles relativa á penisula iberica. — *Pereira*, S. Domingos de Bemfica. — *Figueiredo*, Sobre uma fórma do swastika; Sellos antigos; Noticia d'um mss. *De lapide philosophorum*. — Fructos da egreja de S. Lourenço (Lisboa). — Os architectos Frias (correcção).

MEDALHAS COMMEMORATIVAS DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA, NO BRAZIL
MANDADAS CUNHAR PELA COLONIA PORTUGUEZA EM PERNAMBUCO

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 a 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 a 43